

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA COMUNICAÇÃO ORAL

MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO SILVA*

RESUMO: A utilização da Comunicação oral como metodologia, é fundamental para as pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais, pois é a partir dos estudos dos significados da ação humana é que construiremos a história. Partindo deste princípio é que centralizaremos nossas análises a cerca dessa Metodologia que envolve a observação e a entrevista

A observação é uni elemento imprescindível na coleta das informações, é através dela que se inicia o primeiro contato com o entrevistado.

PALAVRAS – CHAVE: Metodologia, Significados, Humanas, Informações e Observação.

ABSTRACT: The use of the Verbal communication as methodology, is basic for the research in the areas of sciences social human beings and, therefore she is from the studies of the meanings of the action human being is that we will construct history. Leaving of this principle it is that we will center our analyses about this Methodology that involves the comment and the interview.

KEYWORD: Methodology, Meanings, Human beings, Information and Comment.

Este artigo objetiva discutir alguns autores que desenvolveram metodologias a cerca da comunicação oral. Neste, abordaremos a obra O Narrador de WALTER BEJAMIN, um escritor judaico-alemão que era conhecido, mas não famoso, isso no outono de 1940, quando optou pela morte fingindo da Guerra. Outra obra é A memória Coletiva de MAURICE HALBW4LCHS, filósofo francês que também morreu em consequência da

Guerra em 1945. Outro autor é JOSÉ CARLOS SEBE, com obra Manual História Oral e MATTHIAS RÖHRIG, com a obra A Guerra dos Bem-Te-Vis- A Balaiada na Memória Oral. A teoria destes autores será tecida com a experiência que temos com trabalhos de campo na área ribeirinha do Município de Porto Velho.

A utilização da Comunicação oral como metodologia, é fundamental para as pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais, pois é a partir dos estudos dos significados da ação humana é que construiremos a história. Partindo deste princípio é que centralizaremos nossas análises a cerca dessa Metodologia que envolve a observação e a entrevista

A observação é uni elemento imprescindível na coleta das informações, é através dela que se inicia o primeiro contato com o entrevistado. É uma habilidade de alto nível que requer boa dose de esforço por parte do entrevistador que também deve observar não só a comunicação verbal, mais ainda lembrar-se com exatidão o que foi observado e ouvido para um registro exato nas suas anotações de campo.

Quando se refere a entrevista, ela pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de uni roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com urna problemática central a ser seguida.

A entrevista ao lado da observação é um instrumento básico desde que se conheçam os seus limites e respeitem-se as suas exigências. E importante atentar para o caráter da interação que permeia a entrevista, isto é, a relação que se cria entre quem pergunta e quem responde, relação esta, que deve ser de estímulo e aceitação mútua, assim, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Faz-se necessário, no momento da entrevista, como também em todo o processo da pesquisa ter um respeito muito grande pelo entrevistado principalmente pela sua cultura e seus valores; desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado, garantindo uni clima

de confiança, para que o colaborador se sinta à vontade para expressar-se livremente e utilizar um vocabulário acessível para o seu entendimento.

BENJAMIN afirma, em "O Narrador", que a vida constitui uma eterna experiência a ser transmitida, e que a narrativa figura como uma forma privilegiada de se transmitir esta experiência. O ato de narrar é por excelência o ato de efetuar esta transmissão, sendo que quando for recontar a história, o ouvinte somará a sua própria experiência à que foi passada. O sentido de uma narrativa vai se costurando com todo "ir e vir" desta, e não pode ser arrancado deste contexto.

O Narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.

E foi esta sensação que senti quando visitei pela primeira vez a área ribeirinha do vale do Rio Madeira, e conversei informalmente com os moradores, considerados pelos demais como os mais antigos, vimos que havia migrado para Amazônia principalmente na década de quarenta. Outros, no entanto, haviam chegado à área em anos anteriores. Percebemos por parte dos interlocutores grande facilidade e clareza em contar suas "histórias de vida", gostando principalmente de falar sobre sua trajetória do Nordeste até Amazônia.

A princípio, os nordestinos foram os que mais nos fascinaram com sua arte de narrar. Contavam suas "histórias de vida", sem esquecer os mínimos detalhes: como foram feitas as propagandas para o alistamento, a cor da roupa que estavam vestidos no dia do embarque para Amazônia, o que comeram durante a viagem, o dia exato que chegaram nas principais cidades, como: Belém, Manaus e Porto Velho.

Para BENJAMIN, a arte de narrar está em vias de extinção, são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza, é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. "Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da

informação é decisivamente responsável por esse declínio".

Vale ressaltar que quando autor vislumbrou o declínio da narrativa na década de 40, ou seja, no auge da Segunda Guerra Mundial, o mesmo estava se referindo às comunidades tradicionais que estavam sendo arrasadas pela Guerra ou influenciadas pelos meios de comunicação.

Para HALBWACHS a memória é sempre revivida pelo presente, o que significa que o discurso da preservação da identidade se dá no interior da concretude do desenvolvimento capitalista.

A memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas. A dispersão dos indivíduos tem consequências drásticas e culmina no esquecimento das expressões culturais

Percebemos isso quando trabalhávamos com um grupo de nordestinos que migraram para Amazônia na década de 40, os denominados *Soldados da Borracha*, que praticamente esqueceram as expressões culturais do nordeste.

Quando viviam praticamente juntos nos seringais, algumas práticas eram reproduzidas no "novo espaço", pois havia um convívio, que foi se perdendo quando se dispersaram.

Havia um esforço muito grande por parte destes em não esquecer as tradições culturais do lugar, e foram diluídas com as expressões culturais dessa nova terra, e foi-se adquirindo uma nova memória coletiva desse lugar, que era os Seringais.

É nesse contexto que discutiremos memória oral sob a ótica de RÖHRIG, que considera que a cultura transmitida oralmente assume formas e funções muito diferentes em cada contexto que importa definir, como também, os agentes, o espaço e o tempo dessas transmissões. Os agentes podem ser especializados, mas, podem ser pelo simples fato da idade sendo o mais velho o único que alcançou tal acontecimento ou que primeiro aprendeu tal modo de fazer, torna-se dessa maneira o depositário da memória oral. Nesse caso, a idade (que equivale a experiências acumulada) confere a legitimidade. O velho é por definição o transmissor privilegiado da tradição oral.

O estudo do passado a partir do documento oral, apesar de

recente, esse tipo de investigação já tem alcançado resultados importantes, graças a uma institucionalização muito elaborada desse tipo de transmissão em algumas sociedades, a exemplo de vários países africanos, onde a atenção dada às tradições orais é especificamente ligada a luta de libertação nacional, seja como fonte para aprender a história e a cultura popular que o colonizador nunca quis enxergar, seja para reunir o preciosos testemunho popular constituído pelas narrativas que foram ritmando as várias fases de luta de libertação popular.

A tradição oral experimenta uma verdadeira renascença em culturas que se sentem minoritárias e oprimidas podendo ser um meio pelo qual um grupo étnico, uma região periférica afirma sua identidade.

Uma sociedade onde a prática sistemática não existiu, não fica privada da sua história, nem é cotada ao obscurantismo ou amputada na comunicação entre os seus membros. Ela cria os seus meios de preservar, transmitir e criar os seus valores e instituir formas de comunicação.

A discussão a cerca da história oral que segundo SEBE, é um conjunto de procedimentos que iniciam com a elaboração de um projeto e continuam core a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Uma das marcas da história oral como um procedimento novo é a utilização de meios eletrônicos, como gravadores, o computador e o vídeo para a captação dos depoimentos, que antes eram feitos na base de anotações ou memorização.

Ainda segundo o autor a base da existência da história oral é o depoimento gravado. Neste sentido pode-se dizer que tais elementos constituem a condição mínima da história oral.

A realização da pesquisa de campo é o momento em que o trabalho de fato acontece, muitas vezes desobedecendo às expectativas criadas pelo projeto original.

As entrevistas deveriam ser feitas preferencialmente a sós com o entrevistado, para que, absortos no desenvolvimento da narrativa, se crie

um mínimo de empatia entre entrevistador e colaborador. É claro, que isto nem sempre se mostra possível.

O sentido do texto está também expresso em elementos não verbalizados pelo colaborador (definição de SEBE para o entrevistado), mas que podem ser percebidos pelo entrevistador no momento da entrevista; para que isto não perca, é necessário que o ambiente em que esta ocorreu seja recriado no texto escrito. O ritmo da fala, as anotações, as pausas, os olhares, risadas tudo isso desempenha um papel fundamental na construção da narrativa. Nesse sentido, o interlocutor deverá procurar reconstituí-lo para não passar aos outros interlocutores desta história, um sentido empobrecido. No "caderno de campo" deverão ser anotadas, imediatamente após a entrevista, todas as impressões suscitadas no autor, as circunstâncias em que se realizou a entrevista.

Trabalhando com História Oral, estamos fazendo uso da palavra do outro, o que traz sérias implicações e convida a reflexões. Inicialmente, deve ficar claro que todo trabalho intelectual, e não apenas os trabalhos de História Oral envolvem procedimentos éticos como a honestidade intelectual, o crédito a autores utilizados e citados.

Quando trabalhamos com seres humanos temos que sempre ter em mente que envolve pessoas vivas, fazemos uso de suas palavras e a forma como utilizaremos esses documentos deve ser uma preocupação permanente do pesquisador que trabalha com História Oral, as questões de ordem éticas e morais devem ser respeitadas para que a pesquisa possa ser fidedigna e possamos conquistar a confiança dos sujeitos do estudo e sermos eficientes em apresentar, comunidades, falas e atores que foram privados de apresentar sua versão e expressão de determinado fato social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah, *Walter Benjamin-1892-1940*, IN- Homens em Tempos Sóbrios, Cia das Letras, São Paulo, 1992

ARRIGUCCI, Davi Jr. *Encontro com Um Narrador Julio Cortázar (1914-1984)*, IN- Enigma e Comentário Ensaios sobre Literatura e Experiência. Cia das Letras, São Paulo. 1990.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador*- IN-Obras Escolhidas, Brasiliense,

São Paulo, 1987.

HALBWACHS. Maurice, *A Memória Coletiva*, Vértice, São Paulo, 1990.

RÕHRIG. Matthias, *Memória, Tradição Oral e História* IN A Guerra dos Bem-te-vis A Balaiada na Memória Oral, Sioge, São Luiz, 1988.

SEBE, José Carlos Bom Meihy. *Manual de História Oral*, Loyola, São Paulo, 1996.

SILVA, Maria das Graças S.Nascimento. *O Espaço Ribeirinho: Migrações Nordestinas Para os Seringais da Amazônia*, Dissertação de Mestrado defendida em 1996-FFLCH-US